

TÂNIA ALEXANDRE MARTINELLI

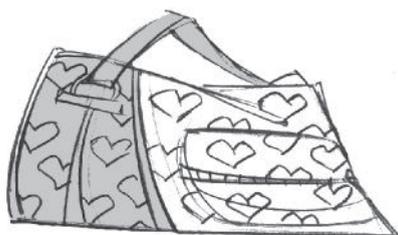
# pela metade

ilustrações

Dave Santana

Maurício Paraguassu

DIÁLOGO



editora scipione

*Pela metade*  
© Tânia Alexandre Martinelli, 2013

*Gerente editorial*  
Fabrício Waltrick

*Editora*  
Lígia Azevedo

*Editora assistente*  
Fabiane Zorn

*Preparadora*  
Andressa Bezerra

*Coordenadora de revisão*  
Ivany Picasso Batista

*Revisora*  
Malu Rangel

*Projeto gráfico*  
Rex Design

*Ilustração de capa*  
Dave Santana  
Maurício Paraguassu

*Coordenadora de arte*  
Soraia Scarpa

*Assistente de arte*  
Thatiana Kalaes

*Estagiária*  
Izabela Zucarelli

*Diagramação*  
Júlia Yoshino

*Tratamento de imagem*  
Cesar Wolf  
Fernanda Crevin



**editora scipione**

---

Avenida das Nações Unidas, 7221  
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

ATENDIMENTO AO CLIENTE  
Tel.: 4003-3061

[www.scipione.com.br](http://www.scipione.com.br)  
e-mail: [atendimento@scipione.com.br](mailto:atendimento@scipione.com.br)

---

ISBN 978 85 262 9249-9 – AL  
ISBN 978 85 262 9250-5 – PR  
Código da obra CL 738613  
CAE 278114 AL

2015

1ª EDIÇÃO  
2ª impressão

*Impressão e acabamento*

• • •  
Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

• • •



**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

---

M333p

Martinelli, Tânia

*Pela metade* / Tânia Martinelli ; ilustrações  
Maurício Paraguassu, Dave Santana. - 1. ed. - São  
Paulo: Scipione, 2013.  
96 p.: il.; 22 cm. (Diálogo)

ISBN 978 85 262 9249-9

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Paraguassu,  
Maurício, 1968- II. Santana, Dave, 1973- III. Título.  
IV. Série.

13-04362

CDD: 028.5

CDU: 087.5

---

**Índice para catálogo sistemático:**

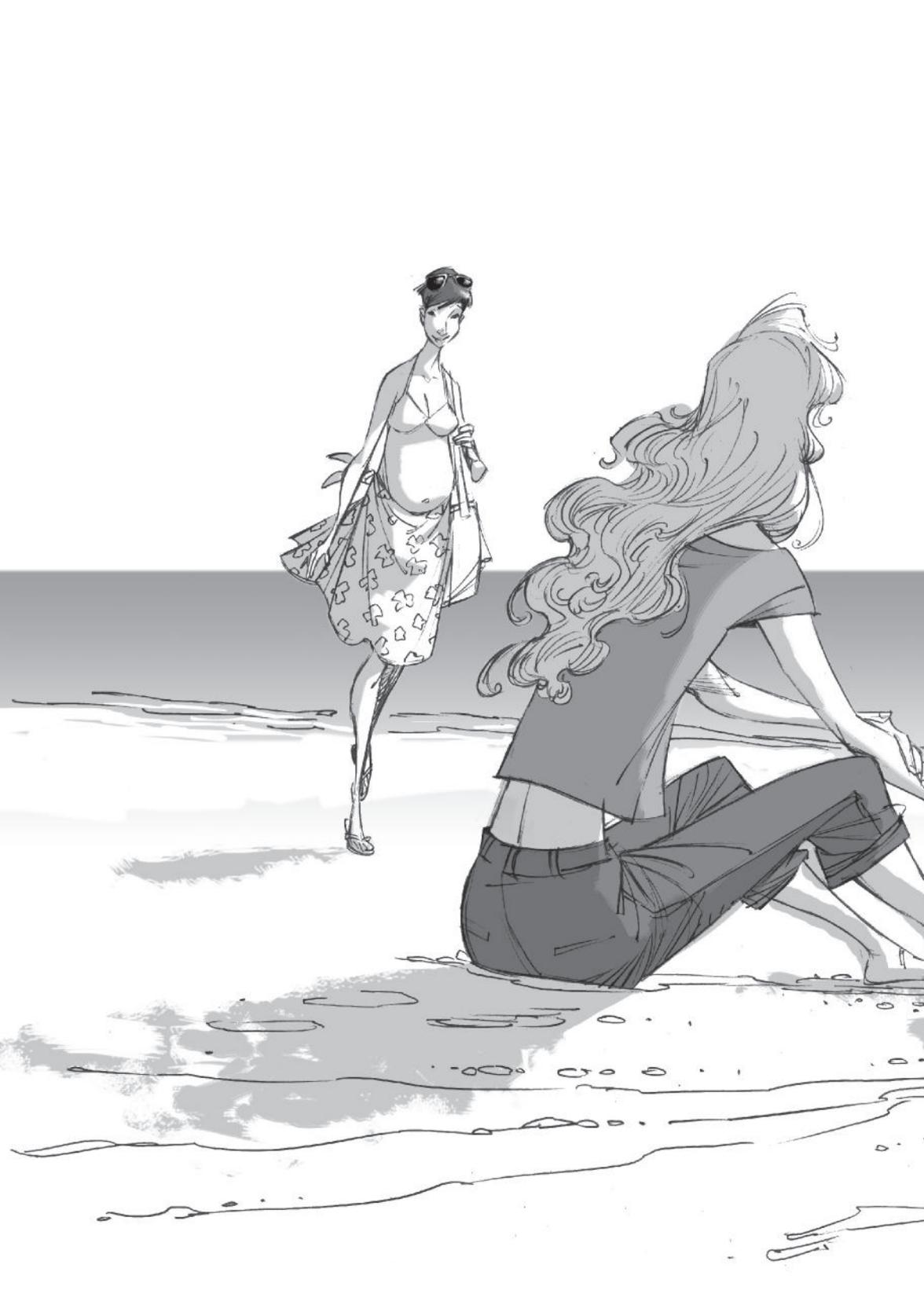
1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

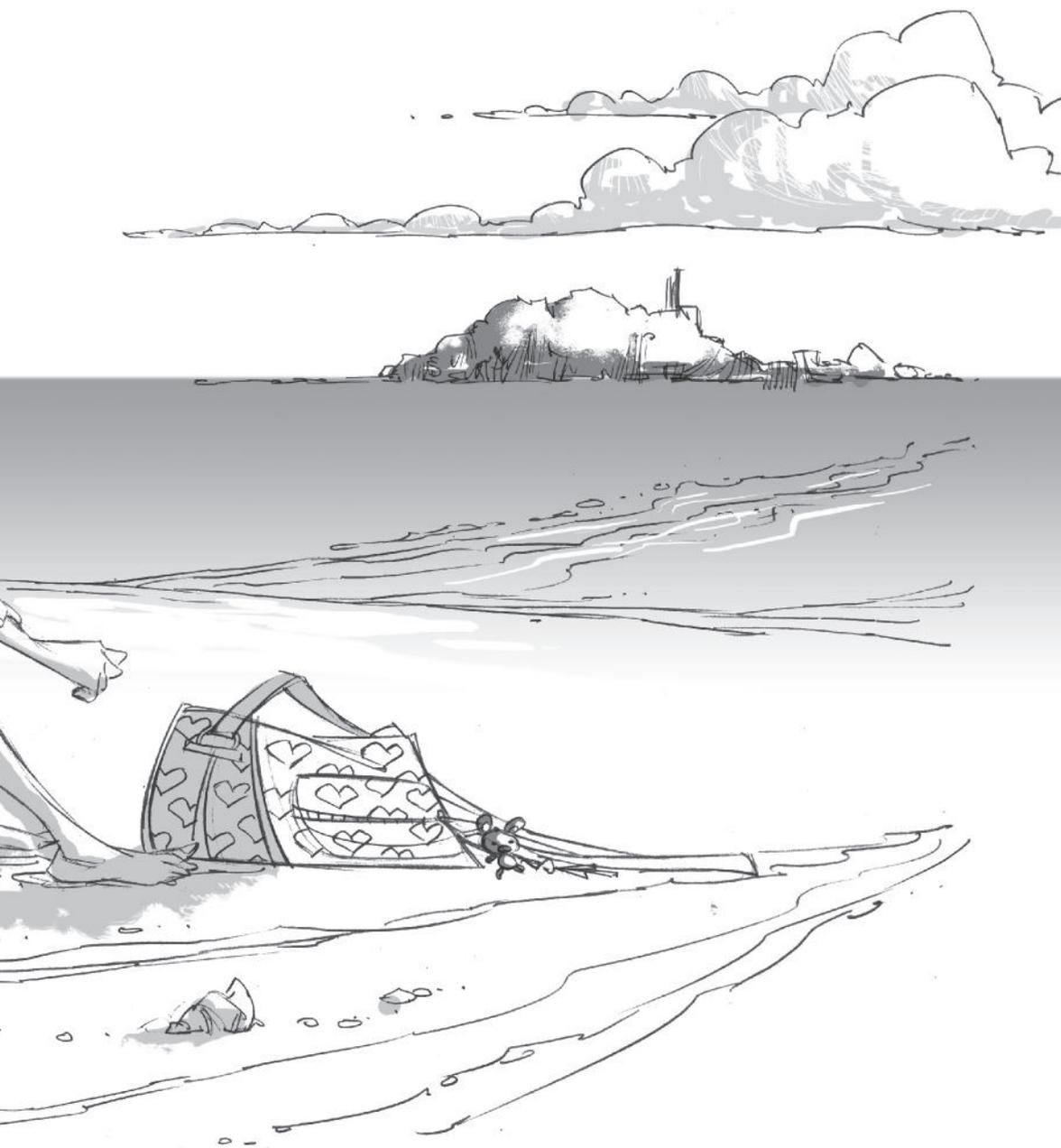
*Para Elaine e Mariza Casagrande.*

# SUMÁRIO

1. Hotel Vitória .....	8
2. Café com leite .....	12
3. A mulher e o menino .....	18
4. Redação .....	22
5. Aniversário .....	28
6. Diego .....	36
7. Amor e ódio .....	41
8. Madrugada .....	47
9. Grávida .....	49
10. Pai .....	53
11. Festa .....	56
12. Lanche .....	60

13. Insone .....	64
14. Poesia .....	69
15. Haicai .....	73
16. Jaqueline .....	76
17. Sensação estranha .....	79
18. Antônio .....	84
19. Intrusa .....	86
20. Amizade .....	92
21. Amanhecer .....	95
22. Natal .....	102
23. Bagagem .....	108
24. Mar .....	113





## Hotel Vitória

O hotel Vitória tinha apenas dois andares e ficava próximo à rodoviária, numa rua tranquila, de pouco movimento. O prédio não era novo, mas provavelmente havia passado por alguma reforma recentemente, pois as paredes mostravam uma pintura nova, livres de marcas. No entanto, o mesmo não acontecia com os móveis: o balcão tinha cantos esfolados, o sofá era antigo e o piso de cerâmica perdera o brilho.

– A senhorita tem reserva?

– Sim. – Foi seca na resposta, apenas passando-lhe o documento de identidade.

– Que bom... – disse o recepcionista sorrindo levemente, mirando a tela do computador. – Estamos lotados. – Um minuto depois, estendeu-lhe a mão. – Sua chave, senhorita.

Pegou a chave e seu documento, ficou pensando se seria assim tão difícil para o rapaz chamá-la simplesmente de *você*. Você. Da outra maneira, sentia-se mais formal e mais velha do que realmente era, como se tivesse muito além dos 18 anos, como

se a responsabilidade de estar naquele lugar tivesse ficado ainda maior, muito maior. Um peso nos ombros.

Talvez fosse esse o real motivo de seu incômodo, essa sensação desconfortável, e não tinha mesmo a ver com o modo que o recepcionista a chamava ou deixava de chamar. Nunca concordou com Carlos Drummond de Andrade quando ele dizia que os ombros suportam o mundo, mesmo achando que aquele era o poema mais lindo que já lera em toda a sua vida. Seus ombros não suportavam o mundo, não esse que lhe pesava muito mais que a mão de uma criança.

Não precisava estar ali. Bastava dar meia-volta, ir até a rodoviária, procurar o guichê e comprar uma nova passagem. Ninguém saberia a verdade, se não contasse. Dali a pouco iria embora do Brasil mesmo, adeus a tudo aquilo. Estudar inglês em outro país parecia tão impossível um tempo atrás e de repente... De repente já era hora de partir.

Estava no segundo andar. Quando o celular tocou, não atendeu. Impossível revirar a mochila naquela hora para achar qualquer coisa, por isso continuou subindo as escadas como vinha fazendo desde lá de baixo, sem paradas ou arrependimentos.

Ao chegar ao quarto, fechou a porta e tirou dos ombros as alças da mochila, que veio escorregando rente às pernas até encontrar o piso frio. Deixou as costas apoiadas na madeira escura, onde diversas ranhuras eram notadas mesmo a certa distância, e inspirou profundamente.

Por tempo indeterminado ficou assim, imóvel, apenas os olhos passeando pelo pequeno quarto, a atenção voltada para a cama, a tevê fixada no alto, num suporte no canto direito, o pequeno espelho retangular, a prateleira com alguns cabides, o quadro na

parede. Uma flor. Não fazia ideia de qual, era bem provável que só existisse na cabeça do pintor, as pétalas vinho, um comprido filete amarelo-ouro vindo pelo meio – como era mesmo o nome dessa parte da flor? Lembrava-se de ter visto na aula de biologia: pistilo, antera, qual? Ah, esses nomes complicados... O professor desenhando na lousa com giz colorido cada um dos pedacinhos. Para que é que ela teria de saber isso?

– Aline, meu pai não precisa ficar sabendo.

– E a sua mãe?

Foi cínica:

– Nem vou responder.

– Bia...

– Vai ser assim e acabou. Do jeitinho que eu te contei.

– Devia pensar melhor. Vai se machucar.

Beatriz riu, sarcástica, e outra vez a amiga ficou sem resposta.

– Tem hora que eu não te entendo, Bia. Juro que não.

– Não precisa entender. É só me apoiar, fazer o que nós combinamos.

– Mas eu não combinei nada! Você que combinou tudo sozinha.

Teimosa!

Beatriz sorriu, abraçando Aline:

– Me ajuda.

As pétalas completamente abertas derramavam-se por toda a tela, não deixando espaço para outro desenho. Era um exagero. No tamanho e na forma com que a flor se oferecia. Não tinha bom gosto esse pintor.

Deu dois passos, atirou a mochila na cama e, num único gesto,

arrancou o elástico que prendia os cabelos. Esfregou os pés um no outro arrancando os tênis e, em seguida, puxou as meias. Pegou o controle remoto e apertou o botão, não se importando com o canal selecionado: sua única intenção era preencher o vazio.

Foi até o frigobar buscar uma garrafa de água, mas antes parou em frente ao espelho, no qual só podia ver metade do seu corpo. Passou os dedos pelos fios dos cabelos, tentando minimizar a marca do elástico, e por vezes moveu as mãos para separar as mechas.

Beatriz era alta e magra, coisa que durante muito tempo a incomodou, agora não mais. Seus cabelos eram loiros, cacheados e, de vez em quando, gostava de prendê-los num rabo de cavalo.

Abriu a mochila e checkou a ligação perdida. Era da Suelen. Um barulho insuportável fez com que Bia abandonasse o celular e procurasse o controle remoto outra vez. A tevê estava chuveando, um chiado irritante e alto que doía lá no fundo do ouvido. Porém, antes que fizesse qualquer coisa, o aparelho voltou a funcionar. A imagem borrada tremelicava um pouco, um corpo frágil e ondulante dançava na tela, e Bia não sabia por que não mudava de canal logo de uma vez, já que o controle estava em sua mão.

Um garotinho andava cabisbaixo pela rua chutando pedrinhas. Em determinado momento, ele parou, sentou-se à beira da calçada e pôs os olhos lá em cima, no céu. Ficou um tempo assim, o olhar perdido, alheio e distante, quando então recolheu uma dessas pedras, examinando cor, formato ou ainda outra coisa qualquer e depois a atirou no meio da rua. Aí pegou outra, olhou de novo, jogou de novo e a coisa toda ficou nessa repetição, parecendo enguiço, a imagem variando entre colorida e preto e branco, uma cena sem sequência, porém enigmática e familiar.

Se tivesse ouvido Aline naquele dia, há pouco mais de um ano, Beatriz não estaria de volta a essa cidade, porque simplesmente não teria vindo da primeira vez. Uma reação em cadeia, foi o que Bia pensou. Um fato gerando outro e mais outro ainda, sem que seja possível qualquer tipo de controle depois do primeiro passo. Estava dado.

Nada seria como antes, não restava dúvida. Para que isso, então? Não iria mesmo embora, Beatriz? Um ano em Dublin estudando inglês, um sonho.

– Mas e o frio? Pensou nisso? – Bia lembrou-se da fala da mãe. – Você detesta o frio, minha filha. Fica batendo o queixo com qualquer ventinho à toa.

– Acostumei com o frio, mãe. Porque esta casa é um gelo, ficou fria há muito tempo.

## 2

### **Café com leite**

**A** casa tinha cômodos grandes, portas e janelas de madeira, venezianas que se dobravam em folhas quando abertas, vidraças que se erguiam sustentadas por dobradiças do tipo borboleta. Perdera a conta de quantas vezes o dedo fora mastigado ali, naqueles vãos assassinos. Abrir as janelas sem beliscar a mão era um dos desafios da infância.